

em Akad, não ficaria melhor integrando-se como um capítulo introdutório d' «A ideologia real acádica» (pp. 91-132) para que a Obra ganhasse maior equilíbrio. Outro apontamento, passível de aceso debate, é bem candente: o aportuguesamento dos termos semitas (antropónimos e topónimos) como habitualmente se vê em traduções portuguesas de obras sobre história da Mesopotâmia (e até mesmo em originais de conhecidos assiriólogos). Afinal, far-se-ia o mesmo que se fez com o nome de Sargão (de Šarrukin), e com as formas onomásticas relativas ao Egipto (questão abordada na Introdução, pp. 26-27). O Autor, com os seus conhecimentos de língua acádica, está certamente à altura de autonomizar-se em relação a modelos estrangeiros (no caso franceses), com a limpeza, o equilíbrio e o bom senso que se patenteiam na opção que tomou quanto aos nomes egípcios e tendo em conta que a esmagadora maioria dos leitores (ou o «público comum», como se diz na nota prévia, p. 16) não tem familiaridade com tais soluções especializadas. Assim, e para manter uma certa unidade de apresentação formal do volume (já que ela foi claramente posta de lado quanto ao tratamento do tema, com dois blocos separados; p. 21), optar-se-ia por formas mais legíveis: é que, salvo melhor opinião, a partir das versões dos especialistas deveria correr paralelamente uma versão para os leitores em geral, não especializados.

Enfim, pequenos reparos cirúrgicos, não necessariamente cauterizantes, que não colidem de todo com o útil e eficaz (*akh*) conteúdo de uma obra que bastante prestigia a orientalística portuguesa e concorre para afirmar o nome do seu autor entre o reduzido leque de investigadores que entre nós se dedicam ao estudo aturado, à divulgação séria e à dignificação dessa ciência universal que é a Egiptologia.

Luís Manuel de Araújo

JOSEP PADRÓ, *Historia del Egipto Faraónico*, Alianza Universidad, 857, Alianza Editorial, Madrid, 1996, 484 p. ISBN 84-206-2857-3.

Depois de mais de vinte anos de docência universitária e de escavações no Egipto (primeiro em Ihnaseia el-Medina/Heraclaeópolis Magna e depois em Bahnasa/Oxirinco), abalançou-se o Autor a escrever e publicar uma *Historia do Egipto Faraónico*, a «sua» história. Professor catedrático de História Antiga na Universidade de Barcelona e colaborador do

mestrado em História e Cultura Pré-Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Josep Padró oferece-nos neste manual o resultado da sua aturada investigação e da sua actividade académica. Ao prólogo, da autoria de Abdel-Halim Nur el-Din, director do departamento de Egiptologia da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Cairo (pp. 13-14), segue-se o prefácio (pp. 15-17) onde o Autor esclarece os seus leitores: «mi libro, guiado por las notas y los apuntes de mis clases, revisados cien veces y modificados constantemente en función de los intereses pedagógicos de la exposición oral, se ciñe generalmente a los acontecimientos, fuentes y monumentos que por experiencia considero más relevantes» (p. 15).

Na Introdução geral (pp. 19-33) são facultadas noções geográficas, assinalam-se os progressos da Egiptologia, pondera-se sobre a cronologia e a transcrição dos nomes egípcios (tal como entre nós, na transcrição da onomástica egípcia para castelhano «la anarquía es total»), e apresentam-se algumas generalidades sobre a história do Egipto e a filosofia da História, rematando com o Neolítico egípcio.

No capítulo dedicado à formação do Estado faraónico (pp. 34-62) trata-se da origem da civilização egípcia, os tempos pré-dinásticos, a origem da língua e da escrita no Egipto, a Época Arcaica ou Tinita e o começo da história dinástica. Segue-se o apogeu do Império Antigo, da III à V dinastia (pp. 63-80), a arqueologia e a arte dessa época de apogeu (pp. 81-100), a topografia (pp. 101-132), os textos e a literatura (pp. 133-146), a civilização (pp. 147-165), o final do Império Antigo e o Primeiro Período Intermediário (pp. 166-195). O dramático colapso da VI dinastia e as suas consequências levam a que o Autor se interrogue sobre as possibilidades de nessa época ter existido algo semelhante a um regime democrático. A queda da monarquia e os abusos da aristocracia levariam à revolução social: «Herencia de esta revolución fue sin duda el fuerte arraigo de nociones como justicia y equidad social» que as IX e X dinastias heracleopolitanas assumiriam. E assim, «si en la Menfis de comienzos del Primer Período Intermedio el rey había sido expulsado, la monarquía suprimida y la aristocracia desposeída, qué régimen, por efímero que fuese, había? A quién representaban los dirigentes revolucionarios integrantes probables de la Dinastía VII manetoniana? Fue éste un simple período de anarquía como se há repetido demasiadas veces, o fue algo más que eso? Preferimos dejar esta pregunta, simplemente planteada, sin respuesta.»

As origens e apogeu do Império Médio constituem o cap. 9 (pp. 196-214), com a evocação da arqueologia e da arte (pp. 215-223), dos textos, literatura e civilização das XI e XII dinastias (pp. 224-238). Depois vem o conflituoso Segundo Período Intermediário, onde pontificam os Hicsos, escorraçados numa «guerra de libertação» que marca o início de uma nova época de brilhantismo (pp. 239-257).

Os começos do Império Novo (pp. 258-279) antecedem o período amarniano e o final da XVIII dinastia (pp. 280-297). Com a mutação de Amen-hotep IV em Akhenaton ganha notoriedade Aton, «el dios único y, en consecuencia, universal, creador de todos los hombres iguales». As ideias de igualdade entre os homens robusteciam-se com «la sinceridad, la libertad, el amor a la naturaleza, la alegría de vivir» que seriam facetas importantes desta «nueva religión» traduzidas na arte e nas letras – «pero, sobre todo, hay que resaltar que se trataba de un mono-teísmo exclusivista y revelado por primera vez en la Historia» (cf. Jan Assmann, *Ägypten*, Estugarda, 1991).

A XIX dinastia, com os enérgicos Seti I e Ramsés II merece um capítulo à parte (pp. 298-309), seguidos da arqueologia e arte (pp. 310-319), a civilização, textos e literatura do Império Novo (pp. 320-336), como testemunhos de um dos momentos altos da história do Egípto faraónico. A XX dinastia e o final do Império Novo (pp. 337-345) são o tema do cap. 18, merecendo natural destaque o reinado de Ramsés III.

O Terceiro Período Intermediário (pp. 346-362) começa com a dinastia tanita em que o domínio do Egípto se articula e equilibra entre os reis de Tânis (XXI dinastia) e os sumos sacerdotes de Amon em Tebas. Vêm depois os monarcas das fases aqui rotuladas de «época líbia» e «época etíope» até à aniquiladora invasão assíria do século VII a. C.

O período saíta (pp. 363-371) é seguido pelo período persa (pp. 372-380), dedicando-se os dois últimos capítulos à civilização da Época Baixa, merecendo apropriada análise a arte e a arqueologia, as cidades dessa época, bem como a língua, a escrita, a literatura e a religião (pp. 381-397), e ao domínio macedónico e período ptolemaico, com a decadência dos Lágidas e o intervencionismo romano (pp. 398-437).

Os Apêndices incluem uma lista de reis do Egípto (pp. 441-450), um Glossário (pp. 452-458), e a Bibliografia (pp. 459-466), organizada em obras gerais, repertórios bibliográficos, metodologia, geografia, história, fontes e textos, arte e arqueologia, religião, língua e literatura, outros aspectos da civilização. Seguem-se vários mapas, que são bons para

acompanhamento do texto (pp. 467-476), e um útil índice onomástico a fechar uma Obra que trará certamente grande proveito a todos os que no nosso país, dos cursos de licenciatura aos de mestrado, se dedicam ao estudo do Egípto faraónico.

Luís Manuel de Araújo

DOMINIQUE VALBELLE, *Histoire de l'État Pharaonique*, Col. Thémis – Histoire, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 450 p. ISBN 2-13-049317-3.

Já se terá perdido a conta ao número de obras que nos últimos cem anos têm sido publicadas versando sobre a história do Egípto faraónico. Mas esta não é «mais uma» edição sobre o tema: houve, notoriamente, a intenção de a individualizar e a diferenciar entre o vasto manancial já conhecido, propondo-se a Autora, como o título logo aponta, estudar e dar a conhecer o antigo Egípto, «le plus vieil État du monde» (p. 7), por um prisma político-ideológico. Por isso este oportuno volume da egiptóloga Dominique Valbelle, professora na Universidade de Lille III, surge inserido numa colecção, Thémis-Histoire, de cariz marcadamente politológico.

A primeira parte abre com «Les débuts de l'histoire et le mythe» (cap. 1, pp. 9-34), onde são apresentados os registos que permitem hoje evocar os primeiros reis do Egípto, a natureza do poder real, a administração das dinastias tinitas e as manifestações da política interna e externa desses recuados tempos. O capítulo 2 revela-nos «L'État égyptien au début de l'Ancien Empire» (pp. 35-55), com os soberanos da III e da IV dinastias, o culto real e o culto divino levados a preceito nessa época de espectaculares construções em pedra, demonstrando como os grandes complexos funerários reais de Sakara, Dahchur e Guiza petrificam as relações entre a monarquia e o mundo divino e como funcionam as instituições e a política da administração provincial e central dirigidas pelo vizir (*tjati*) e por altos funcionários. O capítulo seguinte evoca-nos «Une monarchie solaire» (pp. 57-75), com os filhos de Ré na V dinastia de influência heliopolitana e a sua legitimidade, as coevas estruturas governamentais onde se verifica a evolução do vizirato e da administração (na qual pontificam os letrados e dignitários «interprètes des valeurs